

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: 2394

Data: 16/11/91 Pg.: _____

Revista inglesa lançará boicote à Rio-92

EDUARDO SAN MARTIN
Correspondente

LONDRES — As organizações ecológicas não governamentais da Europa querem boicotar a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, com medo de serem manipuladas pela ONU. Na edição da próxima segunda-feira, a influente revista inglesa "The Ecologist", que há 20 anos se mantém somente com assinaturas, publicará um convite ao boicote, assinado por mais de 70 entidades integrantes da rede ecológica Ecoropa — o maior conglomerado de ecologistas do Velho Continente.

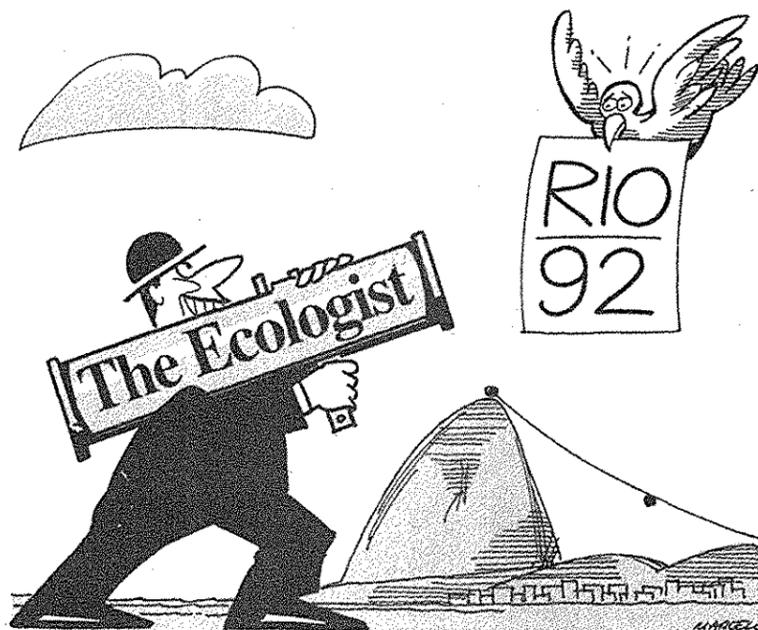
Os ecologistas europeus acham que os organizadores da Rio-92 não estão abordando os direitos dos povos da floresta de participar das decisões sobre de-

envolvimento nem o conflito Norte-Sul, com os países industrializados do hemisfério Norte responsabilizando os países em desenvolvimento do Sul.

A proposta de boicote da Europa será oficializada na última reunião preparatória da Conferência, em março, em Nova York, nos Estados Unidos. No início de dezembro, porém, o texto será posto em votação entre 800 organizações ecológicas não governamentais, em Paris.

O editor da revista "The Ecologist", Nicholas Hildyard, afirma que o boicote continuará em vigor enquanto o programa ambiental da ONU não mudar a agenda da Conferência:

— A Rio-92 pode terminar aumentando o poder sobre o meio ambiente de instituições guiadas por interesses do mundo industrializado como o Banco Mundial e as Nações Unidas.



Preocupação com reserva ianomâmi

A convocação ao boicote que a revista "The Ecologist" publicará condiciona a presença dos ecologistas europeus no Rio à reorganização da agenda das Nações Unidas e à demarcação das terras dos índios ianomâmi.

Ontem à noite, ser informado pelo GLOBO que a demarcação da reserva ianomâmi acabara de ser assinada pelo Presidente Fernando Collor, Nicholas Hildyard, editor do "The Ecologist" e redator do manifesto da Ecoropa, disse que isto era apenas uma parte do problema:

— Se as terras realmente começarem a ser demarcadas, nossa posição mudará em relação ao Governo brasileiro, mas não em relação à Rio-92. Temos muitas reservas quanto aos trabalhos preparatórios — disse.

Para ele, as Nações Unidas querem limitar a discussão a problemas técnicos de preservação do meio ambiente, excluindo as questões de desenvolvimento. Ele diz que para evitar que a Conferência vire pura retórica, é preciso discutir os direitos dos povos locais, a reforma agrária no hemisfério Sul e a redução da emissão de dióxido de carbono no hemisfério Norte.

Ele também se opõe às críticas que vêm sendo feitas ao Brasil pela sua omissão ou descaso pelas reuniões preparatórias da Rio-92:

— Não é possível acusar só o Brasil. Praticamente todos os países abordam a questão ecológica exclusivamente de acordo com seus interesses políticos imediatos.